

GÊNEROS HÍBRIDOS: O HORROR E A FICÇÃO-CIENTÍFICA NO CINEMA ¹

Murilo Lopes Perillo Gomes ²

Leonardo Gomes Esteves ³

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Resumo: O presente trabalho se apresenta no campo dos estudos de gêneros cinematográficos, particularmente nas discussões conceituais sobre horror e ficção-científica. O objetivo central é a elucidação das características identificadoras entre os gêneros, buscando elencar seus aspectos específicos e confluências gerais. A partir de pesquisa bibliográfica e em procedimentos de análise fílmica, trabalharemos com um estudo de caso do cinema brasileiro.

Palavras-chave: Gêneros. Horror. Ficção-científica. Cinema de gênero. Cinema brasileiro.

Resumo expandido: Este trabalho pretende formular uma reflexão sobre a confluência entre gêneros no cinema. No campo de estudo dos gêneros cinematográficos, nota-se a junção de características mistas que podem ser identificadas tanto no caso do horror quanto da ficção científica. Ela se dá a partir de uma origem comum a ambos que remonta aos romances literários do final do século XVIII. Assim, tais gêneros pertencem a uma tradição narrativa conjunta, identificada como literatura especulativa, “...derivada da capacidade humana de fantasiar a respeito de outros universos possíveis, de imaginar realidades diferentes daquela percebida na experiência concreta de mundo”, como ressalta Cánepa (2012, p. 224).

A partir disso, observa-se que as similaridades entre horror e ficção científica irão proporcionar uma visão mais aglutinadora da experiência enquanto gênero, podendo ser dificultosa sua dissociação. Tal afastamento ou aproximação de uma ou de outra modalidade se dá a partir do enfoque de determinado autor sobre o objeto estudado, podendo haver divergências em suas deliberações. Carroll (1999, p. 29) identifica um possível equívoco na ideia de que “a ficção científica explora temas, como sociedades e tecnologias alternativas, ao passo que o horror é realmente um negócio de monstros aterrorizantes”. Com este comentário, horror e FC ganham um campo maior de identificação, tornando fértil a discussão sobre a interseção entre eles.

Além disso, Carroll identifica a existência de outro tipo de histórias que caminham de forma paralela, tanto ao horror quanto a FC. São as chamadas histórias de pavor artístico (dread). Sua diferenciação vem a partir de uma resposta emocional diferente das suscitadas pelo horror:

¹ Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

² Graduando no curso de Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Programa Institucional de Voluntariado em Iniciação Científica (VIC) sob a orientação do Prof. Dr. Leonardo Gomes Esteves. E-mail: muriloperillo42@gmail.com

³ Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) e do bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: leonardogesteves@gmail.com

(...) levar retoricamente o público a ter a ideia de que forças não reconhecidas, desconhecidas e talvez ocultas e inexplicáveis governam o universo. (...) ambos se movem pelo preternatural - com suas variações sobrenaturais e de ficção científica (...) (CARROLL, 1999, p. 63).

Nesse sentido, a caracterização das histórias ganha outra possível variação, podendo existir exemplos que transitam entre as designações, reunindo e reimaginando elementos. Logo, foi necessário estabelecer alguns parâmetros para auxiliar as análises de caso pretendidas por este projeto de trabalho. No caso do horror, sua identificação está ligada à produção de um estado emocional físico no espectador, emoção essa chamada por Carroll (1999, p. 21) de “horror-artístico (art-horror)”, capaz de gerar sentimentos como medo, asco, etc. Essa designação está atrelada à condição do espectador enquanto observador ativo, que reage ao filme.

Em paralelo, no caso da ficção-científica, foi utilizada a noção de narrativas que manuseiam universos de credibilidade científica diegética “para especulações imaginativas sobre física, espaço, tempo, sociologia e filosofia”, como entende Oliveira (2011, p. 2). Nesse sentido, o epicentro das histórias de FC gira em torno de uma atmosfera onde as possíveis reimaginações científicas adquirem caráter real, ou seja, são diegeticamente verdadeiras.

No caso do horror, a presença do monstro ou entidade desconhecida, como criatura impura, contraditória e diegeticamente real, é o que envolve a reação emocional pretendida pela obra, sendo entendida pelos personagens humanos como algo ameaçador e digno de distanciamento. Em paralelo, na FC a presença ou não da entidade desconhecida não é tida como algo alarmante, sendo concebida tal ideia a partir da resposta emocional dos humanos na trama.

O foco da FC pode ser meramente a discussão técnico-científica apresentada pela história. Com base nisso, parte-se para um estudo de caso do cinema brasileiro, que consiste na análise do filme *Excitação* (1976) de Jean Garret. A obra trafega entre concepções de gênero cinematográfico, abarcando elementos tanto do filme de horror sobrenatural, filme de crime e ficção-científica. Assim, Suppia (2006, p. 27) observa a presença de três elementos identificatórios, “a alma penada, o crime perfeito e a parafernália cibernética”. Dessa forma, através de revisões bibliográficas, pretende-se destrinchar suas nuances enquanto filme de gênero brasileiro, almejando identificar suas influências nacionais e estrangeiras.

Referências Bibliográficas

CÁNEPA, Laura. Tecnologias da Comunicação, Horror e Ficção Científica / Communication **Technologies, horror and science fiction**. Revista, v. 10, n. 1, p. [p.223-225], [2012]. Dossiê Música, Escuta e Comunicação.

CARROLL, Noël. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas: Papirus, 1999.

OLIVEIRA, Igor Silva. **Representações da telepresença em filmes de ficção científica**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34., 2011, Recife, PE. Anais eletrônicos... Recife: Intercom, 2011.

SUPPIA, Alfredo. Ficção-científica no cinema brasileiro: que bicho é esse? In: RODRIGUES, M. (org.). **Cinema de bordas**. São Paulo: Lapis, 2006. p. [p.16-42].